



Marcílio disse a Benevides que conversão é inflacionária

Marcílio já descarta a conversão da dívida

O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, descartou ontem, durante visita que fez ao Senado, a conversão como alternativa de redução da dívida externa brasileira. Respondendo a indagação do senador Humberto Lucena (PMDB-PB), Marcílio disse que o Brasil continuará resistindo a essa alternativa, seguindo o exemplo de países como o México. A conversão feita em 1987 e 1988 teve efeitos contraditórios, na avaliação do ministro: reduziu a dívida em dólares, mas provocou a expansão da base monetária, contribuindo para elevar a inflação.

Marcílio Marques aceitou ontem dois convites para debater com os parlamentares no Congresso. Ao presidente do Senado, Mauro Benevides (PMDB-CE), a quem foi entregar o protocolo (*term sheet*) do acordo sobre os juros atrasados da dívida externa, prometeu comparecer à Comissão de Assuntos Econômicos para falar sobre a negociação da dívida, em data ainda a ser marcada. Com o presidente da Câmara, Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), comprometeu-se a participar de uma sessão especial da Câmara, marcada para o dia 27 de junho,

onde falará sobre os rumos da política econômica.

Política

A visita do ministro da Economia ontem ao Congresso teve objetivo político. A equipe econômica tem interesse que o Senado aprecie e aprove, no menor tempo possível, o protocolo que formaliza o acordo sobre os juros atrasados. Dez dias depois dessa aprovação, o BC poderá efetuar a primeira parcela do pagamento (US\$ 900 milhões) aos credores privados, o que, na prática, permitirá a retomada das negociações sobre o estoque da dívida. Benevides prometeu encaminhar o protocolo à Mesa do Senado ontem mesmo, de forma que na terça-feira comece a ser analisado pela Comissão de Assuntos Econômicos.

O encontro com Benevides e um pequeno grupo de senadores transformou-se numa prévia do debate na comissão. Marcílio foi indagado se o Brasil conseguiria fazer com o Clube de Paris acordo semelhante ao da Polônia, que obteve um desconto de 50% na sua dívida. Respondeu que dificilmente o Brasil conseguirá um acordo nas mesmas bases, mas tentará fazer o melhor possível.